



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA– CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

THALITA LIMA DA SILVA FERNANDES

**RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA *O QUINZE* DE
RACHEL DE QUEIROZ**

PRESIDENTE DUTRA -MA
2023

THALITA LIMA DA SILVA FERNANDES

**RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA *O QUINZE* DE
RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras Licenciatura
em Língua Portuguesa e Literaturas de
Língua Portuguesa, da Universidade
Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de
Estudos Superiores de Presidente Dutra –
CESPD, como requisito para a obtenção do
título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. John Jefferson
Nascimento Alves

PRESIDENTE DUTRA -MA
2023

Fernades,Thalita Lima da Silva .

Reconstrução da identidade feminina na obra O quinze de Raquel de Queiroz /Thalita Lima da Silva Fernandes. – Presidente Dutra, MA, 2023.

45 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão - Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023.

Orientador: Prof. Dr. John Jefferson Nascimento Alves.

1.O quinze. 2.Raquel de Queiroz. 3.Modernismo. 4.Identidade feminina.

I.Título.

CDU: 398.5(81)



THALITA LIMA DA SILVA FERNANDES

**RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA *O QUINZE* DE
RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras Licenciatura
em Língua Portuguesa e Literaturas de
Língua Portuguesa, da Universidade
Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de
Estudos Superiores de Presidente Dutra –
CESPD, como requisito para a obtenção do
título de

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. John Jefferson Nascimento Alves
Orientador

2º Examinador

3º Examinador

Dedico este trabalho ao nosso criador, pelas bênçãos alcançadas, aos amigos e colegas de curso, e aos professores que contribuíram para meu crescimento como pessoa e profissional, mas principalmente aos meus pais meus exemplos de respeito ao próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o maior orientador da minha vida, por ter me concedido chegar até aqui, dando-me força nos momentos em que parecia impossível, e pela superação de todos os obstáculos vencidos durante essa caminhada.

Com muito amor agradeço aos meus queridos, Genilva Lima Pereira da Silva, e Antonio Alves da Silva, meus grandes incentivadores e maiores exemplos de respeito ao próximo que pude ter, e pelo apoio incondicional em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica, pois sem eles não teria sido mais difícil.

Ao meu amado esposo, Francisco Bruno dos Santos Fernandes, pela motivação, compreensão e apoio oferecidos aos meus estudos, nessa longa jornada acadêmica, e a todos da minha família.

De forma especial agradeço minha melhor amiga Thamires Silva Neres, que me acompanhou e me apoiou sem medir esforços para me acalmar e oferecer ajuda quando mais precisei, tornando essa trajetória mais alegre. Obrigada, amiga!

Agradeço às minhas colegas de curso, pelas trocas de ideias e ajuda mútua, pois juntas conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos. Também agradeço aos meus professores pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional. Em especial ao professor, John Jefferson Nascimento Alves, meu orientador, por possibilitar a concretização deste momento tão especial na minha vida. Grata pela sua orientação preciosa.

Aqueles que não citei, mas que estão no meu coração. Obrigada a todos!

O simples ato da leitura transforma a nossa forma de pensar e enriquece o nosso conhecimento, gerando uma capacidade imensurável de criar o inimaginável.

Thiago Henrique Miranda

RESUMO

Ao estudar a literatura brasileira, nos deparamos com obras de autores consagrados que retratam fatos relacionados à realidade de sua época. Ainda que essas obras tenham sido escritas em séculos anteriores, percebemos que existe nelas uma representação do real, próxima ao que vivenciamos nos dias atuais. Dessa forma, ao mencionar os problemas sociais, a vida do sertanejo e a busca incessante pela liberdade de expressão da mulher, é imprescindível lembrar *O quinze*, romance de estreia da autora Rachel de Queiroz. Nesta obra, além dos temas recorrentes sobre a seca, perpassam as questões pertinentes sobre o papel da mulher na sociedade de 1930, como também a reclusão dos seus direitos, razão que fez refletir e buscar respostas a essa problemática suscitada por essa obra. Por isso, o objetivo geral foi compreender e mostrar como Raquel de Queiroz reconstrói a identidade feminina no romance “O Quinze”. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, desenvolvido com base em materiais publicados em livros, revistas, artigos, trabalhos como teses e dissertações, encontradas nas bases de dados Google e SCIELO e material impresso. Ao terminar a pesquisa chegou-se à conclusão de que a obra dialoga com a sociologia, a psicologia, a crítica genética, e principalmente, foi relevante no sentido de entender os anseios das mulheres daquela época, mostrando que, apesar do flagelo da seca e de uma aparente fragilidade das mulheres nordestinas, sempre houve mulheres que mudaram as perspectivas de sua época e tentavam mostrar seus outros valores perante a sociedade.

Palavras-chave: *O Quinze*. Raquel de Queiroz. Modernismo. Identidade feminina.

ABSTRACT

In studying Brazilian literature, we are faced with works by consecrated authors who portray facts related to the reality of their time. Although these works have been written in previous centuries, we realize that there is a representation of the real, close to what we experience today. Thus, by mentioning social problems, the country's life and the incessant pursuit of women's freedom of expression, it is essential to remember the fifteen, the debut novel by author Rachel de Queiroz. In this work, in addition to the recurring themes about drought, the pertinent questions about the role of women in society of 1930, as well as the imprisonment of their rights, pervaded, which made reflecting and seeking answers to this problem raised by this work. Therefore, the general objective was to understand and show how Raquel de Queiroz reconstructs female identity in the novel "The Fifteen". The methodology used was the bibliographic research, developed based on materials published in books, magazines, articles, works such as theses and dissertations found in the Google and Scielo databases and printed material. At the end of the research, it was concluded that the work dialogues with sociology, psychology, genetic criticism, and mainly, was relevant in understanding the wishes of women of that time, showing that, despite the scourge of drought and Of an apparent fragility of northeastern women, there have always been women who changed the prospects of their time and tried to show their other values before society.

Keywords: the fifteen. Raquel de Queiroz. Modernism. Femaleidentity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 MODERNISMO NO BRASIL: HISTÓRIA E LITERATURA.....	11
2.1 A Segunda Geração do Modernismo.....	15
3 CONTEXTO DA LITERATURA FEMININA NO BRASIL.....	19
4 RAQUEL DE QUEIROZ: VIDA E OBRA.....	24
4.1 Raquel de Queiroz sob o prisma de crítica.....	27
4.2 A identidade feminina em Raquel de Queiroz.....	31
5 O QUINZE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	33
5.1 Reconstrução da identidade feminina na obra O Quinze de Rachel de Queiroz.....	36
6 CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Rachel de Queiroz causou espanto ao lançar, com seus próprios recursos, o romance *O Quinze*, no ano de 1930. Mas espanto ainda causou pela temática que era tão natural ao homem. É praticamente impossível pensar nesta obra e não refletir sobre as mulheres que aparecem no romance. Afinal, as personagens femininas são, em toda a obra, elementos fortíssimos que tomam conta da narrativa.

A narrativa deste livro, além de retratar o drama da seca de 1915, período que afligia a vida do povo no sertão Cearense, perceptível na obra através da saga de Chico Bento e família, possui temas paralelos a este, como por exemplo, a história de amor meio que platônico entre Conceição e Vicente. E outra novidade para a época, era um livro escrito por uma mulher, sobre uma mulher com intensas preocupações sociais e autonomia no pensar e agir por si.

No decorrer do livro, percebe-se que ocorre uma busca incessante da mulher em ocupar seu espaço na sociedade. Isto se confirma no decurso da narrativa, quando a personagem revela suas escolhas e procura alcançar seus próprios ideais, a exemplo de Conceição, no romance queirozeano, que, embora estivesse em meio a uma luta constante, num lento processo de conscientização dos seus direitos, busca tornar visível a capacidade de vencer os desafios que a mulher encontra numa sociedade marcada pelo discurso machista.

Nesse sentido, a justificativa para escolha deste tema se dá pelo fato de *O Quinze* ser uma obra que mostra a força feminina numa época em que a mulher para ser respeitada tinha que ser submissa ao homem. Dentro desta perspectiva, esta pesquisa busca compreender como a mulher é apresentada no romance. Além disso, nesse romance, a autora dá voz às mulheres, um ser tão oprimida, que necessitava ser vista e ouvida. Ela cria tipos sociais por meio de seus personagens, os quais representam toda uma classe.

Tendo em vista as informações abordadas anteriormente e sua grande relevância, essa pesquisa traz como objetivo geral: Compreender e mostrar como Raquel de Queiroz reconstrói a identidade feminina no romance “*O Quinze*”. E como específicos: Discutir a representação feminina no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; investigar como aconteceu a inserção da mulher na literatura feminina no Brasil e suas principais características; conhecer obra e a vida da autora Raquel de Queiroz; analisar como a autora constrói o papel da mulher da década de 1930,

compreendendo como esta reage aos costumes de uma época tão marcada pela supremacia do homem.

A metodologia utilizada para a composição deste trabalho será a pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2007), é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc., em que os pesquisadores se utilizam de dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados.

Portanto, o estudo será desenvolvido com base em materiais publicados em livros, revistas, artigos, trabalhos como teses e dissertações, bem como uma busca em sites de pesquisas na internet. A técnica utilizada será uma busca nas bibliografias indexadas nas bases de dados Google e SCIELO e material impresso.

Assim sendo, o corpo deste trabalho está estruturado em quatro partes. A priori, procura-se fazer um breve levantamento histórico e literário sobre “Modernismo no Brasil: história e literatura”, buscando enfocar alguns aspectos que marcaram esse período da literatura brasileira. Ainda nessa parte, será falado sobre “A segunda geração do modernismo”, dando ênfase às características das produções dessa fase do modernismo.

Na segunda parte far-se-á uma reflexão sobre o “Contexto da literatura feminina no Brasil”, fazendo uma abordagem histórica sobre a literatura escrita por mulheres e como elas foram ganhando espaço entre os escritores masculinos.

Na terceira parte será a vez de falar a respeito de “Raquel de Queiroz: vida e obra”, em que se fará um estudo acerca da vida e obra dessa autora. Nessa seção ainda será preciso falar sobre “Raquel de Queiroz sob o prisma da crítica”, onde será destacado as principais críticas a seu respeito e sobre o romance O Quinze. Também será mostrado “A identidade feminina em Raquel de Queiroz”, enfatizando o porquê dela ter essa característica marcante em suas obras.

Na quarta parte será mostrado “O Quinze: algumas considerações”, enfatizando as características dessa obra e a construção dos seus personagens. E por fim será apresentada a “Reconstrução da identidade feminina na obra O Quinze de Rachel de Queiroz”, apontando os recursos que a autora usou para reconstruir a identidade da mulher em uma época em que o homem era o detentor de tudo.

2 MODERNISMO NO BRASIL: HISTÓRIA E LITERATURA

O modernismo no Brasil foi um movimento artístico, cultural e literário que se caracterizou pela liberdade estética, o nacionalismo e a crítica social. Inspirado pelas inovações artísticas das vanguardas europeias (cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo e surrealismo), “o modernismo teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna, que se realizou nas noites dos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo” (CEREJA; MAGALHAES, 2005, p. 399).

Nessa época, no Brasil, o cenário era de insatisfação, pois muitas pessoas consideravam que a política, a economia e a cultura estavam estagnadas. Parte disso estava relacionado com o modelo político vigente baseado na política do café com leite (em alusão à economia de São Paulo e Minas, grandes produtores, respectivamente, de café e leite).

Nesse contexto, o poder era revezado entre paulistas e mineiros, e dominado por aristocratas fazendeiros. Isso ocorreu até 1930, quando um golpe de estado depôs o presidente Washington Luís, dando o cargo de presidente a Getúlio Vargas, pondo fim à República velha.

Foi nesse cenário de incertezas que um grupo de artistas, empenhados em propor uma renovação estética na arte, apresentam um novo olhar, mais libertário, contrário ao tradicionalismo e ao rigor estético. Esses artistas promoveram a Semana de Arte Moderna liderada pelo chamado “Grupo dos cinco”: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Esse evento, que reuniu diversas apresentações e exposições, colaborou com o surgimento de revistas, manifestos, movimentos artísticos e grupos com experimentações estéticas inovadoras, inaugurando o modernismo brasileiro.

Esse movimento foi dividido em três fases ou “gerações”, e suas principais características foram: nacionalismo, liberdade de forma e de tema, crítica social e retomada do passado brasileiro (principalmente das influências europeias em sua história). Além da literatura, o movimento também esteve presente nas artes visuais, principalmente na pintura.

O início do movimento modernista era claramente focado em São Paulo, naquele momento a cidade mais rica do país pelo acúmulo na produção e exportação de café. Contudo, mesmo tendo uma industrialização já iniciada, havia nela poucos centros culturais, e a divulgação artística era dominada pela imprensa,

nos jornais e revistas. Assim, os modernistas retratavam São Paulo como um lugar “modernizável”. Vale lembrar, que o movimento não ficou apenas com os artistas paulistas, mas mobilizou artistas do país inteiro.

Depois de séculos em que os artistas e escritores apenas reproduziam e importavam referências europeias, o modernismo trouxe a atenção para o solo nacional. Nesse momento começa a existir uma maior valorização da cultura e do povo brasileiro: seu modo de falar, sua realidade, seus problemas.

Neste marco da história da literatura esse grupo de artistas (escritores, historiadores, pintores, músicos, artistas plásticos) buscava, influenciado pelos movimentos modernistas europeus (cubismo, futurismo, surrealismo, expressionismo, entre outros), promover uma renovação estética na arte brasileira, na busca por uma linguagem nacional, com uma arte com a cara do Brasil.

Segundo Abaurre e Pontara (2005) o Modernismo brasileiro propôs novos caminhos estéticos sob forma de manifestos para a literatura, cujas ideias conciliavam a cultura nativa e a cultura intelectual. Resgatar manifestações culturais, utilizar o recurso da língua sem preconceito e a proposta de ver com olhos livres é uma marca do modernismo no Brasil.

Na literatura, o legado dos modernistas foi valioso. Cansados de ver sempre os mesmos temas e as mesmas formas no fazer literário, eles queriam quebrar com as tradições, promovendo uma liberdade formal e estética.

Esses valores se manifestavam, por exemplo, através do verso livre e no uso da pontuação. Outro traço marcante do movimento é o modo como valorizava os temas do cotidiano, os trazendo para a prosa e a poesia. O movimento também trouxe várias técnicas literárias como o fluxo de consciência, os monólogos interiores e ainda a possibilidade de mostrar vários pontos de vista diferentes dentro de uma mesma obra.

Ainda que em algumas obras estivessem características das vanguardas europeias, esse movimento buscava apresentar uma arte mais brasileira (brasilidade). Uma importante característica desse período de afirmação nacional foi a disseminação de diversos grupos e manifestos. Além disso, as publicações de algumas revistas auxiliaram na divulgação dos ideais modernos.

Com o movimento modernista, foi construída toda nossa tradição literária, e como resultado disso, iniciou-se com os romances dos escritores do chamado pré-modernismo, tornando-se tão relevante ao ponto de determinar o que há obras

validas ou não no período. Autores como Lima Barreto e Euclides da Cunha anteciparam as novas tendências literárias que influenciaram os modernistas, tanto que abordagens atribuídas ao modernismo venham dos estudos pré-modernismo. Além disso, esse movimento organizou a mentalidade brasileira para compreender as belas obras da literatura e arte para além dos guias de museu do turismoliterário, despertando o interesse por formas mais humanas e menos convencionais.

Para o crítico Antonio Candido, com o Modernismo, “o artista brasileiro retoma o debate entre optar por uma arte local e universal” (CANDIDO, 2000, p.119). Nesse sentido, caberia ao modernista optar por uma arte sofisticada que problematizasse essa dialética entre o nacional e o importado. No processo de revisão, os modernistas tomam consciência de que a república brasileira, isto é a modernização do país, não era um projeto para todos, pois havia uma grande massa de excluídos: pobres, mulatos, negros, Índios, estrangeiros. Portanto, pode-se dizer que os modernistas escrevi para as elites brasileiras uma versão popular do Brasil com sua língua, seu folclore, suas lendas e seus mitos. Tais referências são fundamentais para a construção de uma base popular para a literatura brasileira.

O Modernismo veio com o objetivo de romper com as expressões artísticas tradicionais, já que, aos olhos de toda uma geração de artistas e intelectuais, o Brasil era uma jovem república em busca de sua identidade. E, para eles, era necessário encontrar a essência de uma arte genuinamente brasileira. Sobre essa busca, Cereja e Magalhães fazem a seguinte afirmação:

Várias obras, grupos, movimentos, revistas e manifestos ganharam o cenário intelectual brasileiro, numa investigação profunda, e por vezes radical, de novos conteúdos e de novas formas de expressão. Os resultados deixados por esse período de pesquisas foram a implementação definitiva do movimento modernista e a maturidade e autonomia de nossa literatura (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 4002).

Portanto, movidos pela literatura repetitiva europeia, acreditaram numa mudança literária para focalizar os assuntos, que chocavam o país e buscaram na literatura uma forma de apresentar criticamente a verdadeira realidade do Brasil, abordando questões públicas em modo de denúncia.

Segundo Silva (2014), com essa transformação na arte, e principalmente na literatura, começa a firmar-se um novo público, como novos gostos artísticos e novas exigências espirituais – um público burguês -, o romance, o gênero literário de ascendência obscura pelos teorizadores das poéticas, conhece uma metamorfose e

um desenvolvimento muitos profundos. Desse modo, o romance moderno constituiu-se com a desintegração da estética clássica e a ruptura da narrativa imaginosa do barroco que entrou em crise por causa de narrativas inverossímeis e complicadas.

O modernismo pode ser caracterizado como as formas criativas de expressividade dentro da modernidade e como a constituição paulatina de uma sensibilidade moderna, que não só refletem a condição da modernidade como também a possibilitam. Ademais, o modernismo possuiu determinados padrões cognitivos, axiológicos e normativos, imagens e interpretações do mundo e identidades definidoras de uma ontologia social

Os escritores defensores dos novos princípios estéticos buscavam uma renovação literária que valorizasse a identidade nacional, conforme explica Barbosa ao dizer que:

Retomando toda uma tradição, que fizera do Brasil tema e assunto de arte, o modernismo se empenha na valorização e descoberta do nacional. Basicamente busca reagir contra o academicismo decadente, em função das propostas futuristas, dadaísmo ou cubismo e surrealista. À medida que assim agem os escritores brasileiros terminam por agir contra uma idealização do país contra uma temática europeia (BARBOSA, 2009, p. 12-13).

Em linhas gerais, o que os escritores modernistas pretendiam, era mostrar suas capacidades de produzir arte nacional sem a necessidade de buscar ideias fora do país. Na poesia deram preferências aos versos livres, e ao predomínio do poema-piada, onde a ironia era frequente. Já no romance deram preferência às críticas sociais. Assim, os participantes do movimento romperam com as velhas tendências e revolucionaram a arte através dos novos princípios, atualizando a renovação artística brasileira.

Apesar de diversidade de correntes e ideias, pode-se dizer que, de modo geral, os escritores de maior destaque dessa fase defendiam a reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais, a promoção de uma revisão crítica do passado histórico brasileiro e tradições culturais, a eliminação definitiva do nosso passado complexo de colonizados, apegados a valores estrangeiros. Eram, portanto, defensores de uma visão nacionalista, porém crítica, da realidade brasileira.

Contrariando as escolas literárias anteriores, os modernistas buscaram transmitir suas emoções e retratar os fatos da realidade cotidiana de uma forma livre

e descompromissada. Para eles a arte deveria ser a voz da identidade brasileira, e por isso, não deveria ter amarras estéticas nem preocupações com estilos rígidos.

2.1 A Segunda Geração do Modernismo

A segunda fase do modernismo brasileiro, compreende o período de 1930 a 1945, e foi marcada pela prosa de ficção e predominância de temáticas nacionalistas e regionalistas. Também chamada de fase da Consolidação, esse período foi tido como um momento de amadurecimento do movimento.

Abandonando os excessos da primeira fase, esse foi o momento em que o Modernismo Brasileiro conseguiu sua melhor definição. Após o rompimento com as tradições e o experimento das novas formas de fazer arte, os modernistas passaram a apresentar engajamento com as questões sociais.

As temáticas de ordem política, social, econômica, humana e espiritual passaram a ser incluídas nas obras literárias dessa fase. Temas ligados ao regionalismo também se fizeram presentes, no qual houve uma representação do homem brasileiro em diversas regiões. Foi o momento em que os artistas transmitiram a consciência crítica através de suas obras. É muito comum perceber nas obras desse período abordagem de temas de interesse social como: a desigualdade social, os resquícios de escravidão, o coronelismo e a vida difícil dos retirantes.

Todas essas questões é porque essa geração foi influenciada, por um contexto histórico marcado por conflitos sociais e políticos, como a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 (durante a Era Vargas), além da Segunda Guerra Mundial. Essa fase ficou caracterizada pela reflexão dos escritores acerca de fatos contemporâneos, por obras comprometidas com o realismo das questões sociopolíticas e pelo conflito espiritual de alguns de seus autores.

Na poesia, essa fase que tem nomes como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes e Jorge de Lima, predomina a liberdade formal. Já a prosa, escrita por romancistas como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Erico Verissimo e Rachel de Queiroz, é marcada por engajamento político e temática social de cunho regionalista.

Preocupados com o contexto sociopolítico brasileiro – alguns deles, inclusive, foram perseguidos pela ditadura de Getúlio Vargas –, esses escritores utilizaram os seus livros como veículo de reflexão política e combate ao regime vigente. Portanto,

as obras desse período lançam um olhar crítico e realista sobre o Brasil da Era Vargas.

A geração de 30, como também é chamada essa fase da literatura modernista, apresentou as seguintes características: foco no mundo contemporâneo; reflexão sobre o sentido de existir; conflito espiritual, fé versus desilusão; textos focados no contexto sociopolítico; liberdade no uso da linguagem; liberdade formal; perspectiva realista; presença de “cor local” na prosa.

As obras desse período trazem um enredo dinâmico, além de uma linguagem simples, o que acabou seduzindo os leitores e propiciando sucesso de vendas para alguns autores. Essas características, contudo, não são aleatórias. O romance de 1930, dado o seu caráter ideológico, é construído, intencionalmente, para ser sedutor e de fácil entendimento, de forma a alcançar o maior número de leitores possível.

Mais ponderada que a anterior, essa geração mantém alguns princípios fundamentais do modernismo de 22, como o verso livre e a linguagem coloquial, mas mudou o enfoque. Os leitores dessa fase testemunharam a explosão das temáticas que refletiam acerca da denúncia social como instrumento para apontar e questionar a realidade, principalmente a região nordeste, a qual condena muitos brasileiros à fome, miséria e seca, surgindo o regionalismo, cuja ficção dominou essa geração.

Sobre esse período Gay (2009) fala o seguinte: “Reconhecer o novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo. Significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiências artísticas”. Assim, o ano de 1930 acelerou as tendências contemporâneas, e, por isso, as transformações culturais, políticas e sociais que são heranças dos fatos ocorridos na década são as fontes de inspirações para os romancistas dessa época.

A ficção nacional nesse período aponta a realidade do indivíduo no espaço em que vive, o qual se torna preso. Dessa forma, analisa-se o comportamento dos sujeitos no romance, traçando o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras. Bosi (1994, p. 388) afirma que “Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como “a era do romance brasileiro”.

O projeto literário do romance de 1930 tinha por objetivo revelar a realidade socioeconômica brasileira, o subdesenvolvimento, cujas raízes influenciavam a vida

dos seres humanos.(LOBATO, 1994). Portanto, o espaço geográfico eo contexto socioeconômico são partes do enredo das obras da segunda geração do modernismo, em que seus autores narravam o que conheciam, ou seja, baseado em fatos reais. Neste contexto, Raquel de Queiroz escreveu seu primeiro livro, “O Quinze”, que representa muito bem essa fase da literatura brasileira, se destacando no regionalismo e como a única mulher entre vários escritores.

De acordo com Barbosa (2009, p. 15), esse é o período da ditadura Vargas, da tortura e da repressão, da censura aos meios de comunicação e da perseguição aos intelectuais que reagiam contra a situação que o país atravessava. Pois os autores não reivindicavam apenas a democracia e a liberdade, mas avanços em vários problemas sociais. O romance social de cunho regionalista veio com toda a força nessa fase do modernismo, mostrando as dificuldades pelas quais o país passava em suas várias regiões, principalmente nas periféricas.

Na segunda geração do modernismo, Rachel de Queiroz lançou um olhar feminino sobre o sertão, e surgiu como a única mulher a figurar entre escritores da geração de 1930, publicou o romance O quinze nesta época, o qual foi escrito quando tinha apenas 19 anos e tornou-se uma escritora que ajudou a firmar a tradição do romance regionalista do ciclo nordestino da literatura brasileira.

Por ser regionalista, o enredo do romance é construído a partir da valorização do espaço, isto é, personagem e espaço tornam-se uma coisa só, pois o lugar em que vive o personagem influencia diretamente o seu comportamento. Para a geração de 1930, se o meio é a causa dos problemas sociais, isso se resolve ao transformar o meio e nas obras literárias isso fica bem esclarecido.

Foi uma época rica em produção, visto que os autores dessa fase do modernismo, deixaram várias contribuições efetivas à literatura brasileira como os ensaios, as crônicas, o romance e até na poesia, enfatizando a beleza literária e a emoção artística, ou seja, apresentando um amadurecimento, conforme esclarece Barbosa ao dizer que:

Literariamente, o país entra num período de maturação e de aparecimento de valores, hoje representativos da nossa cultura. É o momento da revitalização do romance regionalista, enquanto a poesia adquire vigor e nós dá figuras como Carlos Drummond de Andrade (BARBOSA,2009, p. 15).

Trata-se, portanto, de um momento em que os intelectuais brasileiros efetivamente se responsabilizaram pelo desenvolvimento da cultura com consciência crítica em relação à desigualdade social existente no país.

O romance dessa geração faz uma retomada do regionalismo romântico; porém, a partir de uma perspectiva realista, e não mais idealizadora, como acontecia antes. Além de rejeitar a idealização romântica, os autores também deixaram de lado a impessoalidade, trazendo sua visão pessoal sobre a realidade brasileira, focando principalmente, nos problemas políticos e sociais do momento.

Os escritores de 1930 transpiravam suas ideologias, e criaram, assim, uma literatura de personagens politicamente engajados, socialistas, capitalistas, conservadores. Falavam sobre a inflação, sobre a crise do modelo capitalista e seus personagens discursavam sobre a revolução proletária advinda das classes operárias. Narravam a vida do homem comum e suas dificuldades, ainda que pelo olhar das classes mais abastadas. Consequentemente, em suas narrativas vigoravam as ideologias da época. O patrão era sempre o vilão que escravizava o empregado e este, por sua vez, era sempre explorado e miserável.

Segundo Bosi (1994, 411), os escritores expoentes do romance da segunda geração utilizavam “uma prosa de ficção encaminhada para o realismo bruto”. Conforme o autor, as décadas de 1930 e 1940 ficaram lembradas como a era do romance brasileiro, da produção da ficção regionalista, da prosa cosmopolita, psicológica e moral. Alguns autores, ainda, propõem a triagem em torno de tipos de romance divididos em social-regional e psicológico (BOSI, 1994).

De acordo com Camargo (2001), os intelectuais da geração de 1930 sentiam a necessidade de afirmar suas posições político-ideológicas e viam na arte a alternativa de reconstrução de um novo mundo, com novos ideais, isto é, sentiam a necessidade de refazer as bases para a construção de um novo mundo, justo e livre da barbárie, apesar desse ideal estar condicionado à polarização de esquerda/direita.

O fato é que toda essa preocupação com a mensagem social e política fez com que muitos dos autores fizessem de sua obra a propaganda de uma causa. Raquel de Queiroz é um bom exemplo dessa época, pois ela era uma mulher à frente de seu tempo, que retratava as mazelas do seu tempo.

As obras produzidas durante a segunda fase do modernismo, mostrou de forma muito clara, como o contexto de produção pode influenciar o artista e,

consequentemente, a sua obra. As críticas dirigidas aos autores que se colocavam como produtores de um romance proletário não levam em conta o contexto histórico em que o mundo se encontrava.

Embora seja realmente uma continuação do movimento modernista, a segunda fase possui muitas características próprias. A literatura é mais madura; não traz a descontração e a irreverência da fase anterior. No entanto, apresenta reflexões sobre a realidade do povo brasileiro, trazendo à tona o nacional através desta reflexão, com textos de linguagem mais próxima do popular questionando sobre o lugar que o ser humano tem neste mundo repleto de conflitos.

3 CONTEXTO DA LITERATURA FEMININA NO BRASIL

Historicamente, o discurso opressor construído socialmente com base na dominação masculina e patriarcal, forjou a ideia de que a mulher era um ser biologicamente inferior e frágil. Um segundo sexo, fraco e sem razão, forçado à passividade, subjugado ao desejo do homem e incapaz de ocupar espaço na esfera pública e literária. De acordo com Gotlib (2003, p. 27)., “ao homem era de praxe se ‘ensinara ler, a escrever e a contar’, e à mulher, ‘a coser, lavar, a fazer rendas e todos os misteres femininos’, que incluía a reza”.

A mulher ao longo dos séculos vivia em situação de extrema dependência do homem, pode-se afirmar que vivia para o homem e o lar, não tinha direito a educação nem ao voto. No século XIX, com o desenvolvimento industrial e urbano começou-se a exigir a participação da mulher na vida pública. Porém, seu trabalho deveria restringir-se ao ambiente familiar. Neste mesmo século começa a surgir o feminismo no Brasil. As primeiras manifestações se relacionavam à luta contra o conservadorismo que excluía a mulher do mundo público, e a emancipação feminina, com relação à dominação masculina, pois as que ousava a viver algo fora disso, eram mal vistas pela sociedade.

Vagarosamente, em função das mudanças promovidas pelo progresso tecnológico, é que segundo Dias e Oliva:

A mulher começa a sair do espaço privado e a estudar dentro dessa sociedade fechada e machista. Algumas dessas mulheres que conseguiram o direito a uma educação diferenciada foram influenciadas pelas ideias feministas que já circulavam na Europa o que garantiu o direito de inclusão de novas vozes como Mary Wollstonecraft, escritora inglesa que inspirou Nísia Augusta Floresta para a acomodação das mesmas no cenário brasileiro, além de outras mulheres que contribuíram para sinalizar

profundas mudanças no campo intelectual, no terreno literário e no modo de pensar da sociedade (DIAS; OLIVA, 2020, p. 76).

Foi, portanto, nesse momento que a mulher começou a escrever e a ter uma participação na literaturado Brasil, no entanto ainda estava longe de ganhar um papel importante na histórialiterária brasileira. Para tanto, é preciso lembrar que apenas uma pequena elite tinha acesso à língua escritano país, e que essa elite era composta em maioria pelo gênero masculino, de modo que, tantoa figura da leitora quanto da autora era restrita. Algumas publicaram suas obras sob pseudônimos masculinos e outras enfrentaram grandes dificuldades, assinando seus nomes verdadeiros.

Por terem sido ignoradas por tanto tempo, a tradição literária nacional, desconsiderou o talentocriativo da mulher, centrando-a no dom artístico do homem. Por esse motivo, elas foram apagadas e silenciadas e a maior parte de sua história contada por homens. Sobre isso Schmidt, fala o seguinte:

Excluída da órbita da criação, coube à mulher o papel secundário da reprodução. Essa tradição de criatividade androcêntrica que perpassa nossas histórias literárias assumiu o paradigma masculino da criação e, concomitantemente, a experiência masculina como paradigma da existência humana nos sistemas simbólicos de representação, ou seja, ela não ousava criar (SCHMIDT, 1995, p. 184).

Desse modo, a escrita feminina não era muito respeitada. Mas no final do século XIX algumas mulheres já se aventuravam a escrever seus versos em jornais, e assiná-los. Porém, muitas vezes, se conformavam em escrever textos adocicados, sentimentais, sobreflores, borboletas e amores galantes. Isso, porque a temática social, os temas considerados políticospareciam pertencer a uma literatura considerada masculina. Falar politicamente eraatividade de homens, de uma racionalidade que por muito tempo era pensada como domíniodo masculino.

Vale lembrar, que o papel exercido pela mulher do século XIX, é, na verdade,determinado pelas estruturas, sobretudo a econômica. Nesse sentido, era necessário para osistema patriarcal que as mulheres permanecessem em suas casas, cuidando de tarefasdomésticas, educando seus filhos, sem interferirem na ordem social. Uma das maneiras para manter isso era não permitir que elas recebessem educação nas escolas como homens, poiso conhecimento pode levá-las para a liberdade e autorrealização.

Em meados do século XIX, o pensamento feminista originado da Europa se espalhou gradualmente pela América, despertando a consciência feminina. No Brasil, sob um sistema patriarcal, as mulheres da classe média começaram a se manifestar, reivindicando direitos iguais aos dos homens, especificamente o direito de receber educação e de votar. Na década de 1870 foi permitido à mulher brasileira frequentar a escola, o que lhe possibilitou uma maior presença no palco da literatura desde o final do século XIX e chegando com mais força no século XX.

Zolin et al. (2007, p. 82), dizem que a escrita feminina representou "uma transgressão dos padrões culturais, ou simplesmente dos padrões patriarcais." Naquela época, "escrever significou transcender o sexo". Então, conhecer a escrita significou para a mulher uma maneira de problematizar o mundo. Para os autores, "A mulher que incorpora a escrita deixa de ser identificada exclusivamente em sua função primordial de se casar, dar à luz e cuidar dos filhos". Porém, o que foi escrito pela mulher era uma literatura açucarada para as mocinhas, ainda sob a ideologia patriarcal, com a premissa de que a mulher deve servir ao lar.

O século XX chegou, e com ele novos paradigmas, visto que, se inicia com uma movimentação inédita de mulheres que se organizam pelo direito ao voto, ao ensino superior e ao trabalho fora do lar. E conforme ressalta Ramalho:

No século XX, essa consciência é mais palpável, pois o próprio mundo, a própria sociedade, começa a discutir a condição da mulher em várias esferas, como a política (com a luta pelo direito ao voto), a trabalhista (com o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho), a pedagógica (com a valorização da atuação da mulher no campo da educação, que foi a base de todas as outras conquistas), entre outras. A mulher (ou, mais tarde, as mulheres) passa a ser o foco temático e isso facilita sua ação no campo das artes e da literatura (RAMALHO, 2011, p. 26).

Quando as mulheres se tornaram escritoras e algumas fizeram da escritura sua profissão, pouca coisa parece ter mudado na história da literatura. A cultura e os textos pareciam subordinar e aprisionar as mulheres ainda no século XIX. Por isso, a conquista deste território foi trabalhosa na época, principalmente para as que receberam uma cultura eurocêntrica e cristã.

Ao se posicionar como sujeito ativo e criativo, as mulheres escritoras puderam dar voz a personagens a partir da perspectiva feminina e repensar o sujeito feminino além da tradicional representação literária anterior.

Ainda que muitas escritoras tivessem que enfrentar dificuldades para obter espaço numa sociedade marcada pela escrita masculina, as mulheres ganharam

força e autonomia, afirmando-se na escriturafeminina, buscando sua emancipação, fazendo uso de sua identidade, construindo e assumindo posição na sociedade.

Nessa perspectiva, foi que a partir da década de 1930, o romance femininodesenvolveu-se em torno da representação da mulher, com temas relacionados à sua condição e experiência na sociedade, bem como em apresentar os problemas e situações sociais que afetavam a mulher naquela época.

Dentro deste campo fecundo de ideias sobre a emancipação da mulher na sociedade, Rachel de Queiróz se destaca por ter sido uma das primeiras mulheres de sua época a se aventurar no terreno das letras, praticando uma atividade considerada exclusivamente masculina e se colocando como sujeito de voz ativa. Seu romance “O Quinze”, publicado em 1930, ao se confrontar com uma tradição literária criada por homens, gerou dúvidas quanto a sua autoria, pois houve quem duvidasse da capacidade de uma mulher, quanto mais sendo tão jovem (com 20 anos), ter tido condições de escrever uma obra tão bem tecida.

Para Ramos citada por Constância Lima Duarte

O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado (Ramos apud Duarte, 2003, p. 212).

A gravidade, a força e a seriedade pareciam pertencer somente ao universo masculino, pelo menos é o que se percebe nas palavras de Duarte, que, de certa forma, representava a atmosfera cultural daquele tempo, para quem a literatura feita por mulheres poderia ser tudo, menos política e racional.

Além de Raquel de Queiroz, outras mulheres também deixaram seu nome marcado na escrita feminina brasileiras, dentre elas:



Cora Coralina (1889-1985) O poeta Carlos Drummond de Andrade conheceu a obra literária de uma exímia doceira e se encantou. Cora Coralina encantou também o Brasil com sua singeleza e qualidade. Seu primeiro livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” foi publicado quando ela já tinha oitenta anos de idade. A autora também escreveu contos que foram reunidos no livro “Estórias da casa velha da ponte”.



Cecília Meireles (1901-1964). Com apenas 18 anos, a carioca publicou seu primeiro livro de poesia, marcado pelo simbolismo. Também jornalista, escreveu textos bastante críticos em relação à baixa qualidade da educação e se preocupava com a formação do leitor. Foi responsável, em 1934, pela fundação da primeira biblioteca infantil do país. Desenvolveu extensa obra voltada para as crianças justamente por se preocupar com a formação de leitores.



Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Considerada uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira, Carolina foi também a primeira escritora negra do país. Tendo vivido boa parte de sua vida na favela do Canindé, tornou-se conhecida pelo livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, publicado em 1960.



Clarice Lispector (1920-1977). Clarice nasceu na Ucrânia, mas se mudou para o Brasil com apenas dois anos de idade, considerando-se então pernambucana. A autora desperta sentimentos contraditórios no grande público. Ao mesmo tempo em que sua figura é bastante querida, a sua obra é vista como prolixa. Um dos seus livros mais lidos é “A hora da estrela”, tido como um dos mais simples. Dona de uma escrita complexa, Lispector é uma das autoras mais relevantes de todos os tempos da literatura nacional.



Lygia Fagundes Telles (1923-2022). Considerada como uma das escritoras mais autênticas da literatura contemporânea. Lygia se formou em educação física e teve incursões no Direito. No entanto, foi no campo das letras que se consolidou, tendo recebido um Prêmio Camões e outras honras. Na literatura, os principais destaques ficam para “Seminário dos ratos” e a “Disciplina do amor” (contos) e para os romances “As meninas”, “Verão no aquário” e “As horas nuas”.



Adélia Prado (1935-) A escritora se consagrou como poetisa, no entanto, sua obra não necessariamente ressignifica os temas em que foca. É um nome de grande relevância para a literatura nacional. Também autora de prosa, tem como destaques de sua obra títulos como “Solte os cachorros” e “Bagagem e Terra de

Santa Cruz”.

Essas são apenas algumas mulheres que ajudaram e ajudam a construir a história da literatura brasileira. Esse espaço conquistado mostra o quanto a emancipação das mulheres e a luta das mesmas foram válidas para que ganhassem espaço na literatura brasileira.

Na busca do próprio ser, na literatura feminina, as escritoras ao longo do tempo, começaram a tomar posições diferentes diante da sua escrita. Escrevendo como escritoras em frente ao espelho, como testemunhas das respectivas condições socioculturais ou como sujeitos discursivos que procuram uma identidade textual própria (REISNER, 1999). Portanto, foi a duras penas, que as mulheres conquistaram seu espaço no cenário literário brasileiro, mostrando que podiam e podem escrever sobre qualquer tema, seja eles de cunho político e social, ou voltado ao amor romântico. Pois aquela mulher submissa ao homem, deu lugar à mulher imponderada, que estudava, trabalhava, e escreviam sobre temas atuais.

4 RAQUEL DE QUEIROZ: VIDA E OBRA

Rachel Franklin de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 17 de novembro de 1910 e faleceu em 04 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro, aos 92 anos de idade. Rachel era filha de Daniel de Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz. Conforme Holanda (2005, p. 11), “ela nasceu na casa de sua bisavó, D. Miliquinha, a qual era parenta do escritor José de Alencar e constituía uma das integrantes do grupo de ouvintes dos folhetins escritos por esse autor, antes de serem publicados”. Com 45 dias de nascida, a família mudou-se para a Fazenda Junco, em Quixadá, uma propriedade da família.

Sobre essa herança literária Holanda (2005, p. 12) destaca: “Rachel nascia, portanto, com a marca valente das mulheres fazendeiras nordestinas e com a literatura gravada em seu DNA”. Durante a infância, ela viveu momentos no campo e outros na cidade. Foi alfabetizada pelo seu pai, e desde cedo teve contato direto com o mundo dos livros, pois tanto na fazenda quanto na cidade, havia a biblioteca dos Queiroz, onde a autora lia os livros com entusiasmo, uma prática até então não vista em jovens da mesma faixa etária.

Em 1913 Raquel voltou para Fortaleza, onde seu pai foi nomeado promotor. Em 1917, a família foi morar no Rio de Janeiro procurando fugir de uma grave seca que desde 1915 atingia a região Nordeste. Em 1919 retornam para Fortaleza e, em

1921, Rachel de Queiroz ingressou no Colégio Imaculada Conceição, diplomando-se professora, em 1925, com apenas 15 anos.

Em 1927, com apenas 17 anos com o pseudônimo de Rita de Queluz, Raquel escreveu uma carta para o jornal “O Ceará”, remetida ao promotor de evento, ironizando o concurso de Rainha dos Estudantes da época. Com o sucesso da carta que enviou, ela foi convidada para colaborar com o jornal e passou a organizar a página literária e publicou o folhetim “História de um Nome”. Colaborava também para o jornal “O Povo”, ambos de Fortaleza. Nessa época, também passou a lecionar História como professora substituta no colégio Imaculada Conceição.

Em 1939, quando se mudou para o Rio de Janeiro, colaborou com o “Diário de Notícias”, “O Jornal” e a revista “O Cruzeiro”, onde publicou, em quarenta edições, em folhetins, o romance “O Galo de Ouro”.

A partir de 1988, colaborou semanalmente para “O Estado de São Paulo” e para o “Diário de Pernambuco”. Nesses jornais escreveu mais de duas mil crônicas, que foram reunidas e publicadas em diversos livros. Ela, sem dúvidas, foi uma mulher à frente do seu tempo e teve grandes contribuições para escrita feminina no Brasil

Em 1930, com apenas vinte anos, Rachel de Queiroz se projetou na vida literária do país através da publicação do romance “O Quinze”, uma obra de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca.

O Quinze, lançado na “Segunda Fase do Modernismo” representou um importante impulso para o “Romance Regionalista de 30”. A obra, cujo título refere-se à grande seca de 1915, atribui novas dimensões à dramaticidade social e ao papel da mulher. Em paralelo, narra a história do amor impossível entre a professora “Conceição” e o proprietário rural “Vicente”.

O livro teve grande repercussão no Rio de Janeiro, recebendo elogios de Mário de Andrade e de Augusto Schmidt. Por esse motivo, a consagração de Rachel de Queiroz veio em 1931, quando a escritora foi ao Rio de Janeiro receber o prêmio “Graça Aranha de Literatura”, na categoria melhor romance. Ainda em 1931, Rachel conheceu os integrantes do Partido Comunista Brasileiro e, ao retornar para Fortaleza, participou da implantação do partido no Nordeste.

Após exercer forte militância política no Nordeste, Rachel de Queiroz mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1932 e casou-se com o poeta José Auto da Cruz

Oliveira. Juntos tiveram uma filha, Clotilde, que falece com 18 meses, vítima de septicemia e separaram em 1939. Em 1940, Rachel casou-se com o médico Oyama de Macedo, com quem viveu até 1982, ano em que ficou viúva.

Nos anos seguintes, Rachel militou no Partido Comunista e em 1937 foi presa, por três meses, por defender ideias esquerdistas. Nesse mesmo ano, publicou “O Caminho das Pedras”. Décadas depois, em 1964, apoiou a ditadura militar brasileira, integrando o Conselho Federal de Cultura e o Diretório Nacional da Arena, partido político de sustentação do regime.

Além de ser romancista, tradutora, cronista e jornalista, Rachel de Queiroz escreveu algumas peças para o teatro, entre elas “A Beata Maria do Egito” (1958), que recebeu o prêmio de teatro do Instituto Nacional do livro.

Rachel traduziu para o português mais de quarenta obras. Como uma mulher à frente do seu tempo, viveu intensamente, chegando a ser membro do Conselho Estadual de Cultura do Ceará. Participou da 21.^a Sessão da Assembleia Geral da ONU, em 1966, onde serviu como delegada do Brasil, trabalhando especialmente na Comissão dos Direitos do Homem. Ela também integrou o quadro de sócios efetivos da “Academia Cearense de Letras”.

Rachel foi eleita para a Academia Brasileira de Letras e no dia 4 de agosto de 1977, vencendo por 23 votos a 15, o jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda. Foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, tomado posse no dia 4 de novembro de 1977, ocupando a cadeira nº 5.

Em 1992, com 82 anos, Rachel de Queiroz publicou “Memorial de Maria Moura”. A obra, conta a vida de Maria Moura, órfã, que se envolve em brigas com seus primos, por uma questão de herança de terras. Escrita em estilo narrativo, à maneira de uma telenovela, a obra foi adaptada para a televisão na minissérie “Memorial de Maria Moura”, que foi sucesso de audiência. No ano de 1969, se dedicou à área de Literatura Infanto-Juvenil, escrevendo “O Menino Mágico e Andira”, encantando e desenvolvendo o poder da criação e imaginação namente dos jovens.

Raquel teve uma vida agitada, pois vivia entre a capital e sua fazenda, herdada de sua mãe. Sobre ela ser uma mulher dividida, o Jornal Folha de S. Paulo, ressalta:

Dividida entre a literatura e o jornalismo, vivendo entre o Rio e o sertão do Quixadá, a escritora parecia uma árvore atravessando o século, firme, forte

como os mandacarus. Sua literatura inspirou outras, sua presença enriquece para sempre a nossa cultura. (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 2003).

Além do prêmio da Fundação Graça Aranha, a escritora também ganhou diversos outros prêmios, dentre eles:

- Prêmio Machado de Assis (1957) pelo conjunto de sua obra;
- Prêmio Nacional de Literatura de Brasília (1980) pelo conjunto de obra;
- Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará (1981);
- Medalha Rio Branco, do Itamarati (1985);
- Prêmio Luís de Camões (1993), sendo a primeira mulher a receber essa honraria;
- Título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2000).

Tão grande quanto a lista de prêmios é a lista de seus livros. Rachel escreveu várias obras dentre elas: O Quinze(1930), João Miguel(1932), Caminho de Pedras(1937), As Três Marias(1939), A Donzela e a Moura Torta (1948), O Galo de Ouro (1950), Lampião(1953), A Beata Maria do Egito(1958), Cem Crônicas escolhidas (1958), O Brasileiro Perplexo(1964), O Caçador de Tatu(1967), O Menino Mágico(1969), Dora, Doralina (1975), As Menininhas e Outras Crônicas (1976), O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas(1980), Cafute e Pena-de-Prata (1986), Memorial de Maria Moura (1992), Cenas Brasileiras(1995), Nosso Ceará(1997), Tantos Anos(1998), Memórias de Menina (2003), Pedra Encantada(2011).

A carreira literária de Rachel de Queiroz se estende por quase sete décadas, durante as quais o movimento feminista no Brasil avançou gradualmente e obteve bastantes resultados positivos que mudaram a vida das mulheres brasileiras.

4.1 Raquel de Queiroz sob o prisma da crítica

A relação da mulher com a literatura e com o mundo da escrita tem sido objeto de estudo de vários historiadores. Os romances de Rachel de Queiroz se destacam por enfatizarem aspectos sociais e tratarem de valores de uma época nas várias tramas que vivem seus personagens.

Vale lembrar, que a mulher do início do século XX, no Brasil ainda era formada pela ordem patriarcal e submetida ao pai e ao marido, que a silenciavam

em sua própria sociedade. Com esta submissão, ela era reduzida à condição de um ser frágil e de “pouca inteligência”, destinando-se a ela apenas a função de “dona de casa”, de modo que todo o conhecimento que adquiria era fruto de suas próprias experiências de vida, limitando-se, portanto, ao universo doméstico.

Nos anos 1930, enquanto o movimento pela emancipação da mulher avançava na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil eram fracas suas repercussões, mas “A literatura estava destinada a desempenhar um papel decisivo na denúncia daquele descompasso e daquela barreira” (COELHO, 2002, p. 246), e neste aspecto Rachel de Queiroz é reconhecidamente uma das pioneiras. Ela cumpre um papel valioso no processo de discussão da literatura feminina no Brasil.

A expressão literária de Rachel de Queiroz realiza-se através de uma narrativa plenamente sintonizada com o espírito dos anos 1930, empenhado não só em compreender a realidade brasileira, mas também em denunciar as mazelas sociais. Daí a valorização do regional, a linguagem precisa e objetiva, com marcas de oralidade, em que a terra e a tradição falam mais alto. Destacam-se, nas narrativas da autora cearense, além de vários motivos regionalistas, tais como a seca, a política arcaica das oligarquias, o misticismo, o cangaço, a mulher sertaneja como heroína numa sociedade ainda marcada pela submissão da mulher.

Além dos aspectos propriamente literários, o primeiro romance da escritora cearense, *O Quinze*, trazia algo que por si mesmo era uma novidade: era um “livro de autoria feminina”, que se desenhava sobre a figura de uma mulher forte e independente, com evidentes traços sociais, livre pensamento e ação. Alguns sequer acreditavam que o livro pudesse ter sido escrito por uma mulher tão jovem, pois exprimia os anseios e angústias da população de uma vasta região, assunto considerado sério demais para ser tratado por uma moça de vinte anos de idade.

Graciliano Ramos é um exemplo desse posicionamento, pois ao conhecer o romance *O Quinze* ele suspeitou tratar-se de um homem, porque segundo ele não era possível uma mulher e ainda por cima tão jovem escrever sobre coisas tão masculinas, como comprova seu depoimento muito revelador sob esse aspecto:

Conheci *O Quinze*, depois conheci João Miguel e Rachel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever João Miguel e *O Quinze* não me parecia natural (RAMOS apud BUENO, 2006, p. 133).

A escrita de Rachel não tinha nada a ver com aquilo que era esperado do texto feminino. A forma, o tema, a gravidade e a força de sua escrita não casavam com aquilo que se pensava ser inerente ou natural ao mundo feminino: a docilidade, a leveza, a futilidade e a irracionalidade.

O autor ainda diz: “como só se ouvirão mulheres de escritores, os solteiros e os viúvos ficarão prejudicados. E como Rachel de Queirós não tem mulher, o público ignorará que ela fez *O quinze* a lápis, deitada no soalho, de barriga para baixo” (RAMOS, 1994, p. 181).

Ver-se, nesta citação, o quanto Graciliano Ramos, enquanto sujeito leitor, crítico e escritor, desconfiou da escrita feminina presente no livro, questionando sobre a possível reação negativa que o público teria quando soubesse que o livro era de uma mulher, pois diante do seu ponto de vista, uma mulher, “deitada no soalho de barriga para baixo”, jamais seria capaz de escrever um romance com traços objetivos e precisos, denunciando acontecimentos sérios.

Portanto, o espanto que Rachel de Queiroz causou foi tamanho que alguns leitores e críticos chegaram a duvidar de sua fala, da autenticidade de sua voz. Frederico Schmidt chegou a afirmar:

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernóstico, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção- e isso a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome. (SCHMIDT apud BUENO, 2006, p. 133.).

De fato, o lugar social que a autora ocupava, ao publicar *O Quinze*, não era o tipo de lugar ocupado por mulheres pobres, e nem da maioria das cearenses e brasileiras. Menina-letrada, filha de fazendeiro e já com relativa rede de contatos que a permitiram, por exemplo, escrever para alguns jornais cearenses.

O lugar que Rachel de Queiroz ocupava na literatura, estava meio suspenso, visto que ela estava dividida entre o novo e velho, a modernidade e a tradição. Ela não conseguiu, pelo menos n’*O Quinze*, romper com algumas amarras de seu próprio lugar social: filha de fazendeiro, classe média, moça culta e professora, para qual a seca e suas consequências não foram vividas por ela.

A própria escritora, em depoimento que deu à Revista Letras de Hoje, em 1987, afirmou que sabia da seca pelo que havia ouvido dizer:

Isso conto para explicar que, ao escrever o livrinho, eu nunca vira uma seca com os meus próprios olhos. Mas a tradição local era tão forte, a lembrança em todos tão presente, os relatos repetidos com tanta frequência, as referências ao flagelo tão cotidianas (“aqui no açude, onde a água está dando duas braças, foi que o povo cavou cacimba no Quinze”, “este rebolado de mandacaru não sei como escapou- foi cortado até a raiz no Dezenove, para rama do gado”, “esse menino veio é assim movido porque nasceu na seca, coitado”...) (QUEIROZ, 1987, p. 36).

Mas Raquel, em seu livro não focou apenas na seca, mas nas questões sociais femininas da época, mostrando de forma ímpar e diferencial a construção de sua personagem feminina: mulher livre e independente, que respondia aos conflitos políticos de sua época, e de um momento em que a literatura assumia a tarefa de “pesquisar” para melhor conhecer e compreender a realidade social do país (HOLLANDA, 2005).

Com o romance *O quinze*, Rachel de Queiroz, ganhou popularidade na literaturada segunda fase do modernismo com um enredo regionalista. A esse respeito, Júlio César Rodrigues Cattapan delineia essa escritura do seguinte modo: “A narrativa é enxuta, prendesse ao essencial e dispensa o supérfluo. A narração é sóbria, sem apelar para sentimentalismos românticos, nem para o brutalismo naturalista. O tom dramático está na situação descrita, não nos artifícios do narrador”. (CATTAPAN, 2010, p. 6).

Raquel, com sua audácia e intelectualidade, também chamou a atenção de Moisés, que corroborando com o raciocínio de Cattapan, afirma que:

Percorridas as primeiras páginas, logo salta a impressão de estarmos diante de algo particularmente viçoso, com um invulgar poder de concentração: em dois breves capítulos, uma romancista ainda adolescente desenha toda a situação dramática que garante o enredo, e o faz com mão de mestre. A seca, como fenômeno meteorológico e a sua implicação no meio ambiente, sugere-lhe descrições sem falsos adornos, como a refletir a paisagem despida verde e esturricada pelo sol inclemente. (MOISÉS, 2007, p. 145).

Nessa perspectiva, além de retratar o drama da seca de 1915, problema que assolava a vida do povo no sertão cearense, o romance possui um enredo que até então era novidade para a época, ou seja, um livro escrito por uma mulher, cuja protagonista é uma mulher com várias preocupações sociais, o que despertava, na maioria dos críticos literários, um olhar diferenciado.

Embora o cenário literário daquele período ainda estivesse dominado pela autoria epública masculina, e a escrita feminina estivesse restrita ao

sentimentalismo romântico, foisurpreendente, para a época, que uma mulher pudesse escrever um romance de linguagem direta e objetiva como *O quinze*, tanto é, que, muitos chegaram a duvidar sobre a autoria dessa obra, conforme mencionado anteriormente.

Percebe-se daí como se figurava a situação da mulher intelectual na sociedade brasileira dos anos 1930. Pode-se igualmente perceber a força com que se apresentava a autora cearense, no campo da literatura,

Contrapondo-se às críticas, construtivas ou não, Rachel de Queiroz, em uma entrevista ao Instituto Moreira Salles, em 1997, pondera:

Eu acredito numa escrita feminina, sim. O mundo da mulher não é o mundo masculino. As marcas da escrita feminina estariam principalmente na linguagem. O meu caso é diferente: talvez eu tenha uma linguagem masculina porque venho do jornal. Quando eu comecei a escrever, a literatura brasileira ainda se dividia entre o estilo açucarado das mocinhas e a literatura masculina. Hoje o estilo de muitas escritoras brasileiras se impõe. Clarice, por exemplo. Ela foi a maior de todas nós – e era absolutamente feminina (QUEIROZ, 1997, s/n).

Um romance precursor: a obra-prima de uma jovem desconhecida e que transferiu para seu primeiro trabalho publicado as ideias marxistas que a fizeram vibrar, não se utilizando de seu português polido, mas do linguajar de seu povo, vítimas diretas ou indiretas das secas sazonais, causou espanto o que fez chover críticas ao seu trabalho.

4.2 A identidade feminina em Raquel de Queiroz

Raquel de Queiroz não sofreu todas as mazelas que as pessoas de sua época sofreram, principalmente as mulheres, visto que já nasceu rica e teve uma educação regada a livros e outros tipos de instruções que seus pais podiam lhes proporcionar. Ela foi educada em casa por seus pais, mas devido a vasta cultura a que teve acesso, sempre cultivou ideias ousadas, e muito cedo já escrevia para jornais do Ceará.

Esse perfil levou a escritora criar protagonistas mulheres que, nas palavras de Heloísa Buarque de Hollanda, professora, pesquisadora e amiga de Queiroz, são mulheres “autossuficientes, que percorrem, com obstinação, os caminhos que levam aos destinos marcados pela independência e pelo poder”, sendo então “as personagens femininas mais radicais da época” (HOLLANDA, 2005, p. 86).

Em *O quinze*, a protagonista Conceição é uma mulher que não se prende às convenções da época. Personagem central da trama, ela é retratada como uma mulher forte e independente, que no meio das dificuldades causadas, principalmente, pela aridez do sertão nordestino não deixa de lado seus posicionamentos sobre sua condição de mulher. É uma figura cujo contraste com as questões sociais da época é marca característica das obras de Queiroz.

Ainda que não esteja no foco da trama da seca, ela é uma das voluntárias dos campos de concentração nos arredores da capital, onde ficavam as famílias do sertão cearense que precisavam de apoio do governo. Conceição é uma personagem que demonstra as contradições entre o campo e a cidade, entre a vida na fazenda e o estudo, entre a mulher que constitui família no interior e a que se dedica inteiramente à profissão, dizendo “alegremente que nascera uma solteirona” (QUEIROZ, 2012, p. 91).

Já em *As Três Marias*, um romance com toques autobiográficos, a autora apresenta três possibilidades de futuro para jovens que acabaram de sair do internato num colégio de freiras. Maria José começa a trabalhar como professora e ajuda a sustentar a mãe e os irmãos, abandonados pelo pai. Numa vida solitária, o que lhe resta é apoiar-se na religião. Maria da Glória faz um bom casamento e assume o papel da esposa e mãe exemplar, distanciando-se das amigas da adolescência. Por último, a narradora é uma provável encarnação da autora, Maria Augusta volta brevemente para a casa dos pais no interior, onde se sente sufocada, até conseguir um cargo de datilógrafa em Fortaleza. (PINHEIRO, 2019).

Maria Augusta ou Guta, como era chamada, experimenta, depois de anos enclausurada, a vida independente da forma que era possível às mulheres na década de 1930 viverem numa capital nordestina. Por querer viver essa liberdade, não quis casar rompendo com o ideário feminino de sua época, como se ver no trecho abaixo:

E como me horrorizavam, minha Nossa Senhora, as camas por fazer, as meias por cerzir, as mesas a pôr e a tirar, as famosas semanas de cozinha que eu deveria revezar com minha madrastra! O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim futura mãe de família, a boa esposa chocadeira e criadeira (QUEIROZ, 2005, p. 63).

Narrado sob o ponto de vista da personagem Guta, a autora coloca nas várias personagens femininas da obra as características imputadas às

mulheres: Casar, ter filhos, realizar tarefas domésticas e nunca abandonar os traços da “submissa feminilidade”. Guta, no entanto, tende a fugir a essas imposições. Ela sonhava com uma vida independente e não via como ter isso num casamento e vivendo como uma dona de casa exemplar.

Em *Memorial de Maria Moura*, Queiroz mostrou uma mulher capaz de assumir o controle de seu destino. Maria Moura é uma jovem corajosa, guerreira que, após a perda do pai, vive com sua mãe e seu padrasto numa pequena propriedade rural, até que outras perdas e episódios de violência provocarão uma mudança brusca em sua vida de *dondoca*.

Após a morte da mãe, Maria ficou sem muitas opções: permanecer sob a guarda ameaçadora do padrasto ou casar com um de seus primos para que as terras continuassem em família? Para Maria, nenhuma dessas opções era realmente uma alternativa. A única saída era abandonar o posto de *dondoca* e reunir um grupo de capangas — entre os funcionários de confiança na fazenda e ex-escravizados — para fugir daquela encruzilhada de submissão e, assim, estabelecer um pequeno império nas terras antigas e nunca ocupadas da família, na Serra dos Padres, se tornando uma das personagens femininas mais fortes de Queiroz.

A primeira visão da aparência de Moura é de um homem, vejamos a citação: “E então apareceu a Dona. Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa xadrez de manga arregaçada. O cabelo era curto, junto ao ombro” (QUEIROZ, 2004, p.14). Percebe-se aqui a despreocupação de Raquel, em manter uma identidade feminina da mocinha de vestidos comportados, pois a descaracterização feminina é um manifesto de suas obras.

5 O QUINZE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Impresso e publicado no ano de 1930, no Estado do Ceará, *O quinze* teve grande repercussão nacional e internacional, chegando a ter uma tradução francesa, conforme consta no prefácio do livro, publicado em 1986, denominada *de L'année de la grande sécheresse* (o ano da grande seca), distribuída por vários países.

O romance contém, em sua estrutura, 26 (vinte e seis) capítulos, sem títulos, apenas numerados, em que a autora vai apresentando características e ações das personagens. A história é enxuta, prende-se ao essencial e dispensa o supérfluo. A narração é realista, sem recorrer ao sentimentalismo romântico, nem para o a

brutalidade do naturalista. O tom dramático está na situação descrita, não nos artifícios do narrador.

Outra característica que se pode apontar, dentro do romance, diz respeito à pluralidade de planos narrativos. O enredo é estruturado em torno de dois planos principais, o sertão e a cidade, cruzados pelas vinte e uma personagens pertencentes a planos distintos em seus deslocamentos, encontros e desencontros, mas que não estão especialmente destinados a coincidirem, os quais transcorrem sobre o seguinte trajeto: Chico Bento e família evadindo o sertão em direção à cidade; Conceição viaja inúmeras vezes para visitar sua família no sertão; Vicente, seu primo, que mora no sertão, sai para visitar Conceição na cidade; Vó Inácia deixa o sertão rumo à cidade, retornando ao sertão somente após a seca. Outras novidades que a autora introduziu com este romance foram a profusão de diálogos sem a quase interferência do narrador.

Quanto ao narrador, a obra é escrita em 3ª pessoa, de tal modo que se estabeleça uma grande proximidade entre narrador e personagens, atestado pela empatia flagrante por parte do primeiro. Isto pode ser confirmado abaixo, no destaque feito por Leite (2007) quando diz: Narrador onisciente fala em 3ª pessoa, e embora seja bastante frequente o uso da cena para os momentos de diálogo e ação, em *O Quinze*, a caracterização da personagem é feita pelo narrador que as descreve e explica para o leitor.

O que a autora quer dizer, é que durante a narrativa, compreende-se que o narrador é onisciente porque possui uma visão ilimitada dos fatos e faz questão de demonstrar todas as características dos personagens, focalizando o que ocorre por dentro e por fora delas, conforme se observa nesse fragmento de *O Quinze*:

Ele, nesse momento, se voltava para a prima, mostrando num sorriso os dentes brancos, onde luzia um ponto de ouro:
 – A dor de cabeça voltou? Está tão calada!
 Com despeito, ela pensou que talvez aquele riso, aquela fala carinhosa, ele também os empregava conversando com a cunhã do Zé Bernardo... E respondeu frouxamente:
 – Não... estava ouvindo... Ah! Sabe quem encontrei no Campo? A Chiquinha Boa... (QUEIROZ, 2012, p. 81-82).

Desse modo, essa obra, trata-se de um romance de profundidade psicológica, pois, ao mesmo tempo em que o narrador determina as ações dos personagens, introduz interrogações e dúvidas, demonstrando o que teria passado por sua cabeça e por seu espírito.

Assim sendo, entende-se que as personagens presentes nesse romance, embora estejam representando pessoas e vivenciando suas dificuldades, é importante lembrar que não são seres reais, mas a representação humana, fruto da imaginação, dos desejos e vivências da autora que, através de personagens, termina atraindo o leitor de tal forma, que confunde a ficção proposta pela narradora, com a realidade presente no cotidiano das pessoas.

A novidade do estilo narrativo desta obra está, como aponta Cattapan (2012, p. 103): [...] no enfoque, na forma, na linguagem, na estruturação do enredo, nos ideais defendidos, com uma linguagem simples e direta. A descrição das cenas é feita de forma objetiva, com o predomínio de substantivos sobre adjetivos e advérbios.

Em suma, podemos dizer que, como aponta Ribeiro:

Em O quinze, com um caráter mais psicológico, a narrativa é centrada principalmente nos diálogos interiores das personagens; assim o espaço externo deixa de ser a parte mais importante e a tensão é centrada na comunicação fragmentada e na incomunicabilidade. Observa-se, desta maneira, um isolamento típico para o moderno e seus personagens, que vivenciam uma descontextualização permanente nos seus enquadramentos sociais (RIBEIRO, 2012, p. 146).

No que concerne ao enredo de O Quinze, a mesma não se faz sobre os acontecimentos por si, mas sobre cenas conectadas tal qual na linguagem cinematográfica, consolidada pelos modernistas paulistas de 1922, de quem Rachel era profunda admiradora.

O quinze é uma trajetória que se passa em dois momentos, mas aos poucos vão se desfazendo, dando lugar aos encontros inesperados dos personagens. A primeira parte, o enredo afetivo de Conceição e seu primo Vicente, o amor entre os dois não se concretiza, pois, apesar de gostar muito de seu primo, Conceição, moça estudada e professora, não consegue se envolver na vida rural e simples do rapaz rude do campo, e além disso, ela acha que o casamento é uma forma do homem oprimir a mulher; e na segunda parte do enredo, temos a situação precária e sofrida da família de Chico Bento, sua esposa Cordulina, os cinco filhos e sua cunhada Mocinha, mas as vidas de todos os personagens se entrelaçam.

O enredo dramático já se inicia com uma situação opressora na qual os mais fortes tomam as decisões. Sobre a personagem Conceição, ela é o grito de liberdade

que as mulheres do sertão de Quixadá gostariam de dar, visto que é representada por uma mulher que não se deixa ser dominada por nenhum homem.

Quanto a linguagem usada nessa obra Cattapan ressalta:

A linguagem utilizada era propositalmente simples, a narração mais enxuta, direta e sintética, com o objetivo de alcançar uma maior proximidade do público e um maior poder de penetração de sua mensagem. Para a geração de 30, os experimentalismos dos modernistas de 22 produziram uma linguagem artificial e pouco compreensível para o público, ainda que buscassem captar a língua falada no Brasil (CATTAPAN, 2012, p. 100, 102).

A publicação d'O Quinze impressionou, primeiramente, pela linguagem utilizada na obra, que é simples e direta, o que a aproximou do povo pela forma como a autora plasma o linguajar do sertão. Ao contrário dos romances regionalistas anteriores, este, tal como afirma Cattapan (2012), apresenta inovações importantes que contribuíram para com as obras de cunho regional subsequentes, como, por exemplo, o foco do enredo nas relações humanas e não na seca em si.

Numa linguagem simples e coloquial, o romance é marcado, sobretudo, por frases curtas, breves e precisas. De característica psicológica, a autora brilhantemente discorre uma análise exterior das personagens. E fica mesmo por aí, dissecando uma característica aqui, outra ali, já que seu propósito é o de não interromper a narrativa principal com particularidades. Ao mesmo tempo em que o narrador informa as ações dos personagens, introduz interrogações e dúvidas que teriam passado por sua cabeça, por seu espírito.

A sobriedade da construção, a emoção sem grande eloquência, são recursos perceptíveis em todo o livro. Além disso, a história é contada em linha reta, valorizando o presente, o cotidiano das pessoas. O passado é evocado raramente, muito mais por Conceição. Rachel também opta pela previsibilidade das narrativas, uma vez que, não havendo avanços nem recuos no tempo, a história é contada de maneira tida como tradicional, obedecendo à sequência de início, meio e fim.

5.1 Reconstrução da identidade feminina na obra O Quinze de Rachel de Queiroz

Aproveitando-se do cenário da seca que assolou o Nordeste em 1915, Rachel de Queiroz escreveu um romance que ultrapassa a perspectiva de um puro regionalismo com que foi lidado durante muito tempo, pois ali na narrativa também está

presente um discurso de reconstrução sobre o lugar da mulher e o papel feminino na sociedade. Embora a escritora tenha negado seu envolvimento com o movimento feminista, é possível perceber que o romance *O Quinze* é bem marcado por estas reflexões e sua trajetória particular, corroborando com a ideia de que todo texto tem a marca do sujeito que escreve.

É bem verdade que no Brasil dos anos 1920 e 1930 já se ensaiava outro discurso sobre o feminino. Eram tempos de o Brasil civilizar-se, da mulher ser pensada de outra forma, estar presente nos discursos. A moda também se transformava, modificando o vestimenta feminina, transformando os costumes.

Os mesmos jornais que traziam textos adulterados feitos por mulheres também conclamavam suas transformações, principalmente as de classe média e burguesas, para que pudessem ter maior atuação. O período no qual Rachel de Queiroz publicou o seu romance e conseguiu notoriedade era de reconstrução da identidade da mulher.

Em *O quinze*, nota-se a preocupação da autora com a independência da mulher e é Conceição a personagem usada para mostrar esse lado da obra. Nela, a protagonista Conceição se abstém de um relacionamento no qual seria apenas uma esposa submissa, uma mãe devotada e uma prezada dona de casa e opta pela integração social, o que por si já evidencia as concepções de cunho revolucionário de sua autora.

O fato de optar por não se casar e criar sozinha o afilhado é uma patente demonstração de ousadia para a época porque é, em poucas palavras, uma afronta ao paternalismo reinante, levantada por uma jovem de 20 anos de idade em sua primeira obra, quando ainda era completamente desconhecida do público leitor.

Ver-se, então, que a autora ao construir a personagem Conceição, propôs uma nova opção de vida para a jovem professora inteligente que vivia na cidade, com pensamentos livres e esclarecidos. Uma mulher que não ligava para as convenções machistas e gostava de livros, embora sua avó não entendesse os motivos que levaram a moça a se envolver em tantas leituras, que segundo a avó não era para moças, como fica evidente neste trecho da obra:

Sentada na espreguiçadeira da sala, Conceição lia, com os olhos escuros intensamente absorvidos na brochura de capa berrante.

[...] Maciamente, num passo resvelado de sombra, dona Inácia entrou, de voltada igreja, com seu rosário de grandes contas pretas pendurado no braço.

Conceição só a viu quando o ferrolho rangeu, abrindo:

— Já de volta, Mãe Nácia?
 — E você sem largar esse livro! Até em hora de missa!
 A moça fechou o livro, rindo:
 — Lá vem Mãe Nácia com briga! Não é domingo? Estou descansando.
 Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:
 — E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...
 Conceição riu de novo:
 — Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...
 — De que trata? Você sabe que eu não entendo francês...
 Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais ideias:
 — Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema...
 Dona Inácia juntou as mãos, aflita:
 — E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você quer ser doutora, dar para escrever livros?
 Novamente o riso da moça soou:
 — Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar...
 (QUEIROZ, 2012, p. 130-131).

Dessa forma, entende-se que a autora, ao criar a personagem Conceição, apresenta ao público leitor a figura de uma mulher independente, que transgredia as regras do patriarcado, ou seja, uma mulher ousada, sagaz e desafiadora, deixando para trás a submissão e modelos, que, até então, deveriam ser atributos.

No livro Raquel reconstrói a imagem feminina, mostrando uma mulher jovem intelectualizada e liberal da cidade, que buscava a si mesma em suas leituras e, através delas, se encontrava como uma mulher em constante descoberta, do seu espaço e de seus deveres como cidadã.

O que difere esse romance dos demais escritos pela autora, está, entre outras razões, no fato da personagem principal, enquanto heroína, ter uma preocupação com o social, ao mesmo tempo em que lapida sua personalidade de mulher, que vê, no estudo e no trabalho, a possibilidade de conseguir independência financeira e realização pessoal, como também exercer seu papel humano e solidário à frente de uma sociedade machista, conforme veremos a seguir em um trecho do romance que evidencia essa preocupação com o social:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia.
 [...] De vez em quando, porém, a avó tinha que repreendê-la por quase não comer, por sempre chegar em casa atrasada, por consumir todo o ordenado

em alimentos e purgantes para os doentinhos do Campo; ela respondia rindo:

- Mãe Nácia, eu digo como a heroína de um romance que li outro dia: Não sei amar com metade do coração... (QUEIROZ, 2012, p. 134).

Observa-se, a partir desta citação, que a autora além de abordar aspectos instigantes sobre a personagem Conceição, nos presenteia com uma obra concisa que vai além de seu tempo e da problemática da seca. Ela mostra que a mulher pode desempenhar papéis importantes e integrar-se na sociedade, estando onde quisesse, diluindo estereótipos.

A galeria de personagens femininas de Rachel de Queiroz, segundo Hollanda (2005, p. 29), “[...] instaura o direito da mulher de defesa de sua individualidade e autodeterminação”. E é exatamente assim, que a mulher é representada em *O Quinze*, por ser intensa, a personagem não vivencia relacionamentos amorosos, nem tampouco vive atrelada aos afazeres domésticos, mas sim, uma mulher desafiadora em relação aos costumes da época.

Em *O Quinze* a autora rompe com aquela ideia de que a mulher letrada e professora, tinha que ser séria, recatada e submissa ao que a sociedade exigia dela. Muito menos aquela que cumpri com seu ofício de educadora e ao mesmo tempo cuida da casa, dos filhos e do marido, pois era isso que a sociedade esperava que fosse o papel da mulher. Sua personagem, Conceição, rompe com essa ideia, pois se aproveitando da sua condição de professora, prefere os livros a ter um marido para ser mandada, e em uma passagem do livro em que a avó reclama de tanta leitura a moça rebate: - Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais... (Queiroz, 2012, p. 131).

Através daquelas páginas lidas com tanto afincamento é que Conceição extrai ideias para seu projeto de vida e resistência aos padrões tradicionais. É verdade que nutre por seu primo Vicente um sentimento de grande estima, mas se depara com a possibilidade de um casamento frustrado, pautado na submissão da mulher ao lado de um homem adúltero. Como a mulher era subjugada pelo homem, ela lhe servia de objeto sexual e reprodutor e não podia exigir sua fidelidade dentro do matrimônio. Receosa e desiludida, Conceição se torna indiferente com Vicente, como se nota na seguinte passagem:

Ainda sob a impressão da conversa com Chiquinha Boa a moça pensava em Vicente. E sofreu novamente o sentimento de desilusão e despeito que

a magoara quando a mulher falava. “Sim, senhor! Vivia de prorear com as caboclas a até falavam muito dele com a Zefa do Zé Bernardo!” E ela, que o supunha indiferente e distante, e imaginava que, aos olhos dele, todo o resto das mulheres deste mundo se esbatia numa massa confusa e indesejada... (Queiroz, 2012, p. 113).

O adultério era uma prática natural e muito comum na sociedade daquela época, pois os homens poderiam gozar livremente de aventuras sexuais fora do casamento. A natureza poligâmica do macho viril não era questionada e segundo os conselhos da avó Inácia, as mulheres acabavam se acostumando a viver com esta situação. Conceição, no entanto, como mulher que se afirma como sujeito do próprio destino e que almeja a liberdade em sentido amplo, não aceita esta condição imposta à mulher como fica claro no diálogo com sua avó:

- Mas minha filha, isso acontece com todos...

[...]

- Pois eu acho uma falta de vergonha! E o Vicente, todo santinho, é pior do que os outros! A gente é morrendo e aprendendo!

Dona Inácia meteu os olhos pelo passado e recordou-se dum velho tempo em que ela vivera também aqueles rompantes e aquelas revoltas... E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força...

[...]

- Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.

Conceição voltou-se rápida:

- Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direto! Olhe Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo de uma história assim, não tinha santo que desse jeito! (Queiroz, 2012, p. 113).

Ver-se que Dona Inácia e Conceição não comungam das mesmas ideias quanto ao papel da mulher na família e na sociedade, e é nesta parte que fica mais evidente a intenção da autora com essa personagem, o de reconstrução da identidade feminina, e para isso ela mostra o choque de gerações entre essas duas personagens, mostrando como as mulheres mais velhas pensavam a respeito do casamento e como essa ideia começava a ser desconstruída.

Conceição não gostava de se submeter às imposições dos costumes da época; era uma mulher forte, intelectual; que não tinha medo de ficar solteira e nem do fofalório que isso poderia gerar na cidade. Essa incapacidade de se submeter às imposições sociais leva a protagonista a renunciar à relação afetiva com Vicente. Além disso, esse relacionamento colocaria em ameaça a sua liberdade conquistada, pois para Vicente uma mulher não poderia sair de casa sem um “guarda de banda”, conforme é mostrado no trecho abaixo:

— Quando você entrou, tia Inácia estava dizendo que só lhe esperava de tarde.

— Ah! Foi porque eu hoje estava com uma dor de cabeça enorme, e não fui para o Campo... Mas só ao ver você aqui, melhorei...

Vicente riu, abanando a cabeça. Depois perguntou já sério:

— Foi por causa da doença que veio só?

Ela riu de novo:

— Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia...

— Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade.

Dona Inácia ajuntou:

— Agora é assim... eu também estranhei...

Conceição continuava a rir: (Queiroz, 2012, p.59).

Aqui pode-se perceber a intenção da autora em inserir na narrativa a ideia de uma mulher pensante que se nega às delicadezas do lar e às prerrogativas masculinas. Além disso, evidencia a força da mulher que tem consciência de suas escolhas, que não se sujeita aos outros, pois é dona de seu destino.

Demonstrando dificuldades em se enquadrar e aceitar as imposições de comportamento às mulheres da sociedade a qual pertencia, Conceição, com certa audácia, transitava livremente nos espaços públicos, sem a presença masculina recomendada à época. A personagem não se encaixava no contexto social em que a mulher necessitava da figura masculina para sua segurança ou para obter estabilidade de vida, através do casamento, por exemplo.

Ao criar essa personagem, em *O Quinze*, Raquel ousou, pois, uma mulher com conhecimento causava certo desconforto. O conhecimento, o saber, o ensino, pareciam não fazer parte das características consideradas admiráveis em uma mulher. O conhecimento excessivo não era bem visto.

Outro ponto tocado pela escritora foi a questão da maternidade ou da falta dela em relação a essa mulher professora e letrada. Conceição não tinha filhos, acabou adotando uma criança (seu afilhado, filho de Chico Bento e Cordulinda), acabou por não cumprir biologicamente aquilo a que o seu corpo supostamente estava predestinado, o que para ela não fazia diferença.

Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida..(...)

Seria sempre estéril, inútil, só...Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma...Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...Ai dos sós...(QUEIROZ, 2012, p. 80.).

A questão da maternidade como uma necessidade biológica para a mulher foi também discutida no texto, visto que para a mulher da época, representada em conceição, criar um filho, não biológico e ainda por cima sozinha, não seria nenhum problema.

Destoando do comportamento marcado pelo patriarcalismo, presente na figura da avó, a personagem D. Inácia, uma representante das tradições religiosas, Rachel de Queiroz impingiu a jovem Conceição de pensamento crítico, com espírito inovador e atitudes típicas de uma mulher contemporânea, que é capaz de agir por si mesma e tomar suas próprias iniciativas e decisões.

Conceição, mesmo tendo surgido no início do século XX, nos apresenta traços

característicos da mulher contemporânea. É uma personagem que traz não somente as marcas da emancipação da mulher, a partir do momento em que ela exerce sua vontade, mas que também luta para fazer valer o direito de cidadania do outro.

A jovem possuía argumentos próprios, que chamavam a atenção do leitor, que, ao ler *O quinze*, se surpreende com a capacidade e autonomia da personagem protagonista. A autora, não só cria uma protagonista que quebra o estereótipo da mulher ideal da época, desmistifica, com seu próprio ato de escrever, a ideia de que só os homens podem escrever livros sérios.

Com Conceição uma figura exótica para seu tempo. Uma protagonista mulher que foi um espanto para sua época, Raquel mostrou que a mulher pode construir sua própria identidade. Essa personagem, uma mulher que não almejava às tradições básicas femininas desse tempo, como o casamento, ser mãe e constituir uma família era o desejo de muitas mulheres. Conceição escolheu para si uma vida sem sentimentalismos, diferente da vida tradicional das mulheres de seu período histórico.

Em sua obra, Rachel de Queiroz se volta para a valorização da mulher, demonstrando a figura feminina como forte e transgressora da ordem vigente. A autora demonstra através de sua personagem certa resistência ao patriarcalismo do sertão nordestino e às tradições de virtude cristãs da época, colocando Conceição como uma personagem que irá negar viver um destino padronizado às mulheres de seu tempo. Sobre o assunto, a autora Tamaru (2004) argumenta:

Rachel de Queiroz acredita numa escrita capaz de mostrar o mundo da mulher de uma ótica diferente da masculina, que sempre a posiciona como frágil e necessitada de proteção. E as marcas dessa escrita estariam principalmente num discurso que combate a convenção do feminino, numa busca de afirmação do papel da mulher, com espaço para a sua rebeldia perante o lugar em que é colocada, para o raciocínio e argumentação que viabilize melhor posição e reconhecimento. Portanto, um assunto recorrente, seja nos seus romances, peças ou crônicas, é essa conquista de espaço pelas mulheres. (TAMARU, 2004, p. 36).

Neste sentido, Conceição pode ser analisada como um espelho das primeiras décadas de seu século, momento este em que a mulher começa a se emancipar e ganhar espaço na sociedade, na educação e no campo profissional, representando a mulher autônoma, forte e, de certa forma solitária, que encontra na vida sertaneja sua razão de luta.

Nessa obra a autora quebra todos os paradigmas quando cria uma protagonista que não se enquadra nas práticas sociais vigentes, porque não aceita o casamento como destino inevitável, mas se preocupa com sua profissão, com sua carreira e seus estudos. Sua avó não se cansava de lembrar para a neta de como seria importante e bom para ela casar-se, insistia que Conceição tinha o perfil para o casamento. As mulheres mais velhas tentavam induzir o comportamento das mais jovens para o casamento e a procriação.

A autora ressalta ainda que a sociedade sempre foi hierarquizada e patriarcalista e quem estava no mais alto posto social seriam os homens. Era sobre a mulher que repousava a perenidade do casal, a felicidade conjugal só dependia da mulher, ela deveria ser sensata a toda insensatez masculina. À mulher cabia o papel social de ser cristã e educar seus filhos e seguir uma boa conduta. Sem estudos e sem outras opções de vida, essa era a função da mulher enquanto segundo sexo, o sexo mais frágil da relação e por esse motivo mesmo não poderia se dar o direito de ter ideias avançadas, como trabalhar fora e estudar. E Conceição era o oposto de tudo isso, desconstruindo o que era ideal para a mulher dos anos 1915.

Raquel em *O Quinze*, mostrou uma outra identidade feminina, não se importando que para época, a mulher ideal era a que frequentava as missas, casava-se, tinha filhos e não criticava seu marido. Ler e se informar era algo fora da realidade, algo considerado desnecessário, que fugia do curso natural feminino. Mas Conceição tinha um pensamento arrojado, marcado por alta desenvoltura, frente às questões morais, sociais e intelectuais, nada parecia fazer com que ela acreditasse

que valeria a pena largar sua profissão e estudos para casar e ser submissa ao marido que via a mulher como alguém que cuida do lar e dos filhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos com o levantamento bibliográfico, pode-se inferir que no romance *O Quinze* de Raquel de Queiroz, a mulher brasileira de 1930, estava buscando firmar sua identidade perante a sociedade.

No que se refere à reconstrução da identidade feminina, esta obratrouxe para anarrativa de ficção o testemunho da realidade humana e a denúncia da marginalização do homem no processo social brasileiro, bem como as lutas em favor da ideia de que a mulher possuísse direitos iguais aos deles na sociedade.

A identidade da mulher mostrada através da personagem Conceição representa a figura feminina que busca espaço numa sociedade marcada pelo preconceito e pela desigualdade social, porque embora trabalhasse e exercesse sua personalidade de mulher independente, era questionada sobre a maternidade e a construção familiar, costumes impostos pela sociedade patriarcal. Porém, Conceição não apresenta traços de instabilidade decorrentes de sua autonomia, pelo contrário, sua condição lhe possibilita decidir sobre o que realmente quer.

Portanto, ao analisar a obra *O quinze*, percebeu-se que a identidade da mulher é reconstruída a cada cena de conceição. Por meio dela, a autora apresenta a busca incessante da mulher na representação social, na década de 1915, demonstrando que a mulher não servia só para desenvolver atividades domésticas, mas que também poderia exercer outras funções na sociedade.

É importante salientar que, este estudo não é uma conclusão a respeito da personagem Conceição, mas sobre a identidade da mulher, numa era em que a figura feminina era vista como inferior. E nessa obra Raquel tentou desconstruir essa ideia através dessa personagem.

Portanto, as pesquisas desse estudo de revisão narrativa acerca da obra de Rachel de Queiroz, permitiu concluir que a obra dialoga com a sociologia, a psicologia, a crítica genética, e principalmente, foi relevante no sentido de entender os anseios das mulheres daquela época, mostrando que, apesar do flagelo da seca e de uma aparente fragilidade das mulheres nordestinas, sempre houve mulheres que mudaram as perspectivas de sua época e tentavam mostrar seus outros valores sociais.

Vale lembrar, que as discussões em torno dessa obra não se esgotam na perspectiva deste trabalho, visto que a temática ficará aberta para outras reflexões.

REFERÊNCIAS

- ABAUURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela N. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**, Volume único. — São Paulo: Moderna, 2005.
- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. — 36ª. Ed. — São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: EDUSP/UNICAMP, 2006.
- CAMARGO, LuisGonçales Bueno de. **Uma História do Romance de 30**. 193f. Tese de Doutorado. - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Unicamp, 2001.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CATTAPAN, Júlio César Rodrigues. O quinze: contrastes e tensões. Diadorim: **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-16, 2010.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira: em diálogo com outras literaturas e outras linguagens**. 3. Ed. São Paulo: Atual, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**, São Paulo, Siciliano, 2002.
- DIAS, Gerusa Alves dos Santos; OLIVA, Osmar Pereira. Rachel Queiróz e Conceição de O Quinze: Mulheres que buscam refundar a tradição por meio da insubordinação feminina. **Cadernos de Literatura Comparada**, v. 23, n.o 43, p. 75-85, 2020.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.
- GAY, Peter. **Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco**. Tradução Denise Bottmann. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GOTLIB, Nádia Batella. **A Literatura feita por mulheres no Brasil**. in Brandão, Isabel e Muzart, Zahidé L. (Orgs.), **Refazendo Nós-Ensaio sobre a Mulher e Literatura**, Florianópolis, Editora Mulheres, 2003.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Rachel de Queiroz**. Entrevista em Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 4, set. 1997.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

- LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. ed.42. Editora Brasiliense: 1994.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Modernismo**. Ed. 3. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PINHEIRO, Luisa. **Rachel de Queiroz: o verdadeiro destino de uma mulher é a liberdade**. 2019. Disponível em: <https://valkirias.com.br/>. Acesso: 18/ 06/ 2013.
- QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 15. ed. Rio de Janeiro: JoséOlympio,2004 .
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**.Ed. 93ª, Rio de Janeiro:José Olympio LTDA, 2012.
- QUEIROZ, Rachel. Depoimento sobre “O Quinze”. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p.35-38,set.1987.
- RAMALHO, Cristina. **As faces líricas da escritora brasileira**. In: ZONLIN, Lúcia Osama. GOMES,Carlos Magno. (Orgs). Deslocamentos da escritora brasileira. Maringá: Eduem, 2011.
- RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**.Ed 9, São Paulo: Record. 1994.
- RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos.**O Quinze, de Rachel de Queiroz: aspectos autobiográficos y de género**. Género na Amazônia, 2012.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. **Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina**.in Navarro, M. H. (Org.), Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina, Porto Alegre UFRGS, 1995.
- SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Editora Almedina, 2014.
- TAMARU, Ângela Harumi. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz**. 188f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,Campinas, 2004.
- ZOLIN, Lúcia Osana; JACOMEL Mirele Carolina. PAGOTO Cristian, MOLINARI, Soraya. Violência simbólica e estrutura de dominação em A moça tecelã, de Marina Colasanti. **Revista Graphos**. João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 23-31, 2007.